

## **Introdução**

O Império Mwenemutapa (que era o título do seu chefe), foi um império que floresceu entre os séculos XV e XVIII na região sul do rio Zambeze, entre o planalto do Zimbabwe e o Oceano Índico, com extensões provavelmente até ao rio Limpopo. O território desse Império corresponde a boa parte dos actuais território de Moçambique e Zimbabwe.

Este Estado africano era extremamente poderoso, uma vez que controlava uma grande cadeia de minas e de metalurgia de ferro e ouro, cujos produtos eram muito procurados por mercadores doutras regiões do mundo.

É importante notar que, ao contrário dos soberanos de muitos reinos atuais ou recentes, os Mwenemutapas não formavam uma cadeia de descendentes - o sucessor de um Mwenemutapa falecido (ou deposto) era escolhido pelo conjunto dos seus conselheiros e dos chefes seus aliados, guiados por um ou mais "chefes espirituais" que interpretavam os "sinais" enviados pelos espíritos ancestrais da tribo.

A situação política deste povo era verificado através de exploradores e explorados tal como aconteceu com muitos outros estados que floresceram em Moçambique, em que os explorados trabalhavam uns 7 dias para o Mwene.

5

### **1. As ruínas do império dos Mwenemutapas**

Fonte: SOUZA, 2007: 40

O estado de Mwenemutapa nasceu do deslocamento da população do Zimbabwe para o vale do Zambeze. Este deslocamento foi motivado por várias razões:

As contradições entre dois dos mais importantes clãs da região, os clãs Rozwi e Torwa, pelo controlo do comércio com a costa;

O aumento da população numa região pouco fértil como era a região do grande Zimbabwe;

A redução das águas do rio Save, o que dificultou a comunicação com a costa.

Essas contradições originaram dois novos Estados: o Estado de Torwa, com centro em Khami, situado a oeste do Grande Zimbabwe, e o estado de Mwenemutapa.

Mutota foi o primeiro chefe supremo do estado de Mwenemutapa e a sua capital era Zuangonibe, com muralhas mais pequenas do que as de Khami.

Depois da morte de Mutota ficou a governar o seu filho Matope. Foi durante o período de Matope que o Estado de Mwenemutapa aumentou o seu território,

6

criando uma federação de Estados como Báruè, Manica, Danda, Chedima e Teve, que foram obrigadas a pagar-lhes tributos. Mais tarde essas regiões separaram-se do Mwenemutapa, transformando-se em Estados independentes com um desenvolvimento de política de aliança.

#### **1.1. Localização geográfica**

O império de Mwenemutapa ocupava a terra correspondente a actual zona centro de Moçambique e grande parte de Zimbabué com as seguintes limitações:

Norte: Rio Zambeze;

Sul: Rio Limpopo;

**Este: Oceano Índico;**

**Oeste: Deserto de Khalahari (Zimbabwe).**

## **1.2. Formação do Estado Mwenemutapa**

**Cerca de 1450, o Grande Zimbabwe foi abandonado pela maior parte dos seus habitantes e não são muito claras as razões do abandono apesar de serem apontados os motivos anteriormente mencionados. Entre os Estados vassallos encontravam-se Sedanda, Quissanga, Quiteve, Manica, Báruè, Maungwé, além de outros mais no interior. Os seus chefes pagavam tributos ao Mwenemutapa reinante e eram confirmados por este quando subiam ao poder. Os Mwenemutapas dominaram, a sul do Zambeze, até finais do século XVII e sobreviveram no vale do Zambeze e no Sudoeste de Tete até ao começo do século XX.**

## **1.3. Organização política e administrativa**

**O Estado do Mwenemutapa estava muito bem organizado. As populações viviam nas aldeias sub a direcção de um chefe. Um conjunto de aldeias formava uma chefatura dirigida por um chefe chamado Fumo.**

**7**

**Na comunidade Karanga-shona, um conjunto de chefaturas formava uma região, governada por um mambo ou Nkozi. O Mwenemutapa o chefe supremo tinha poderes absolutos; isto é, tudo lhe pertencia. Na direcção do estado era auxiliado por 9 altos funcionários, os conselheiros. Entre estes conselheiros. Entre estes conselheiros havia um chefe religioso, um chefe de justiça e um chefe do exército.**

**SENGULANE, 2013: 14,**

**O Mwenemutapa tinha ainda outros funcionários que eram os Mutumes e os Enfices. Os Mutumes eram mensageiros dos Mwenemutapas e os Enfices aplicavam a justiça. Todos estes funcionários e chefes pertenciam à classe exploradora, deviam obediência as ordens do Mwenemutapa e eram mudados quando este queria.**

**Os trabalhadores, que formavam a classe exploradora dedicavam-se a agricultura, a pastorícia e a mineração.**

### **1.3.1. A comunidade aldeã**

**A atividade produtiva essencial das comunidades aldeãs Shona baseava-se na agricultura. Os principais cereais cultivados eram mapira, a mexoeira, o nexemim e o milho. Nas zonas costeiras com solos aluvionares cultivava-se o arroz usualmente para a venda. Mais o nível de forças produtivas era ainda baixo.**

**Nos trabalhos agrícolas o principal instrumento de trabalho era a pequena enxada de cabo curto e a agricultura praticava-se sobre queimada.**

**A pecuária, pesca e a caça bem como as atividades artesanais surgiram como apêndices complementares da agricultura, submetendo-se aos imperativos do ciclo agrícola.**

**O trabalho nas minas aparecia como uma imposição do exterior da aristocracia dominante ou dos comerciantes estrangeiros.**

**As Mushas<sup>1</sup> viviam num regime de auto-subsistência e estavam**

**fundamentalmente orientadas para a produção de valores de uso. Todas as relações**

**1 Integram no geral uma família no sentido lato ou um grupo de famílias com o mesmo**

antepassado, o Muri.

8

entre os membros da sociedade Shona, ao nível das Mushas, eram fundadas no parentesco.

#### 1.3.1.1. Obrigações das mushas

Constituíam as obrigações das mushas as seguintes:

Prestar 7 dias de trabalho mensais nas machambas do Mambo;

Construção de casas para os membros da classe dominante (ZUNDE);

Mineração do ouro para alimentar o comércio a longa distância que garantia a importação de produtos para a sociedade Shona, os quais ascendiam a categoria de bens de prestígio (missangas, tecidos, louça, porcelana, vidros, etc);

Pagamento de imposto em primícias das colheitas (tributo simbólico) e uma parte da produção agrícola (regular);

Entrega de marfim, peles de animais e penas de algumas aves;

Entrega de materiais de construção de residências da classe dominante, como pedras, estaca, palha, etc.

#### 1.3.2. A aristocracia dominante

Na sociedade Shona, o Estado era personificado pela pessoa do soberano, o Mambo, que devia desligar-se da sua origem terrena para conferir a “a realeza”. Um carácter sagrado. Tornava-se assim, o representante supremo de todas as comunidades, o símbolo da unidade de interesse dessas comunidades. Para o efeito, recorriam os mambos a pratica que os aproximavam aos seres sobrenaturais. O mambo possuía alguns funcionários subalternos: os Mutumes (mensageiros) e os Ínfices (guarda pessoal do soberano).

A população encontrava-se dividida administrativamente em diversas comunidades (musha) a frente de cada uma das quais se encontrava um Mukuro ou 9

Mwenemusha (o ancião mais idoso) integravam-se num conjunto mais vasto (província), dirigida por um Fumo<sup>2</sup> ou Encosse, dependente de um Mambo.

De acordo com o (DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UEM, 1982: 68), é importante notar que de acordo com uma fonte do século XVII, elegia-se como fumo quem tivesse maior riqueza material.

#### 1.3.2.1. Obrigações da classe dominante

Orientar as cerimónias da invocação da Chuva;

Pedir aos Muzimos reais (espíritos dos antepassados reais) a fertilidade do solo, o sucesso das colheitas;

Garantir a segurança das pessoas e dos seus bens;

Assegurar a estabilidade política e militar no território;

Servir de intermediário fiel entre os vivos e s mortos;

Orientar as cerimónias mágico-religiosas contra as cheias, epidemias e outras calamidades.

#### 1.3.3. Aristocracia/comunidade

Segundo MIRANDA, 1766 apud (DEPARTAMENTO DE HISTORIA DA UEM, 1982: 71), quando morria um Mwenemutapa e até a eleição do novo mambo o poder era exercido por um personagem que usavam o nome de Nevinga, sem ser

portador de qualquer atributo régio, era morto logo após a eleição do mambo de direito.

De forma ordenada a estrutura político-administrativa do império de Mwenemutapa pode ser representada da seguinte maneira:

1) Mambo: chefe supremo;

2) Chefe de terras

10

2) Mazarira, Inhahanca e Nambuiza: três principais esposas do soberano com importantes funções na administração;

3) Nove altos funcionários: responsáveis pela defesa, comércio, cerimónias mágico-religiosas, relações exteriores, festas, etc;

4) Fumos ou Encosses: chefes provinciais;

5) Mukuru ou Mwenemusha: chefes das comunidades aldeãs ou das Mushas;

6) As Mushas.

#### 1.4. A exploração

Para DEPARTAMENTO IDEOLOGICO DA FRELIMO (1978: 53),

O território do estado de Mwenemutapa era muito grande. Como conseguia então o seu chefe supremo controlá-lo. O fogo era muito importante para as populações (...) as aldeias pagavam o tributo. Assim as populações, demonstravam reconhecer o poder da classe dominante. Eles acreditavam que o Mwenemutapa tinha poderes sobrenaturais. Era deste modo que o chefe supremo controlava o seu grande Estado.

Os membros das tribos tinham que dar ao Mwenemutapa, todos os meses, alguns dias de trabalho, geralmente 7 dias por cada mês. As populações deviam trabalhar nas terras deles, fazer as colheitas, construir as suas habitações, entre outros. A esta forma de exploração chamava-se Zumdi.

#### 1.5. O comércio

O Comércio no Estado de Mwenemutapa era uma das formas motriz no desenvolvimento da economia do Estado do Mwenemutapa daí que o rei fixava os seus olhares na troca dos produtos ali efetuado com os Árabes e mais tarde os portugueses no porto de Sofala. (O grifo é nosso).

Os principais produtos trocados eram o ouro (que não tinham valor para as populações de Mwenemutapa), ferro, cobre, marfim, além de escravos<sup>3</sup>. Em troca, os árabes traziam missangas, tecidos, porcelanas e outros artigos de luxo.

(ACRESCENTA DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA UEM, 2000), O ouro

constituía o principal artigo de comércio, com efeito, já muitos antes da chegada dos 3 Os jazigos auríferos situam-se, essencialmente, nas terras planálticas: assim o Mwenemutapa ou

seja (Chidima e Dande), Bútua e Manica. Em algumas regiões o trabalho de mineração ocupava,

apenas, uma pequena parte do ano.

11

portugueses os swahili-árabes controlavam o ouro vindo dos Império de Mwenemutapa.

Este comércio com o exterior, chamado de comércio a longa distância era monopólio de Mwenemutapa. A maior parte dos produtos recebidos eram bens de

prestígio, que não tinham nenhuma utilidade para o desenvolvimento da sociedade.

#### **1.6. Papel das crenças mágico-religiosas ou aparato ideológico dos Mwenemutapa**

As crenças mágico-religiosas sempre jogaram um papel muito importante para a manutenção do poder e da coesão social. Praticavam cultos dedicados aos espíritos dos antepassados. Existiam alguns termos que serviam para designar Deus: Mulungu, utilizado nas terras marítimas, ao longo do vale do Zambeze e a nordeste do planalto zimbabweano e Mwari a sul do planalto. Entre os Muzimu mais temidos eram os dos reis.

Esta prática regular as classes dominantes do estado dos Mwenemutapas e dos estados satélites contactarem regularmente com os seus Muzimu através de especialistas médiuns designados por Pondoros ou Mondoros (leões). O Mwenemutapa Matope, o segundo da dinastia declarou que o seu espírito era imortal, esse metamorfoseava num Leão, pelo que matar um Leão era considerado um crime imperdoável.

Os médiuns (Swikiros) estavam estreitamente associados ao poder político e especialmente às sucessões. Os Swikiros constituíam os suportes das classes dominantes e estas as executoras das ordens dos antepassados, mortos em vida e vivos na morte.

Todo esse aparato ideológico contribuía para assegurar a reprodução social Chona e das desigualdades sociais existentes.

#### **1.7. Declínio de Estado de Mwenemutapa**

##### **Causas**

12

Fixação dos mercadores portugueses na costa - a fixação portuguesa fez-se inicialmente no litoral, com a fundação da feitoria de Sofala em 1505 e na ilha de Moçambique em 1507. Esperavam através de Sofala, controlar as vias de escoamento do ouro e do marfim em pequena escala do interior. A partir de 1530, os portugueses penetraram no vale do Zambeze fundando as feitorias de Sena e Tete em 1530 e a do Quelimane em 1544. Trata-se agora de não controlar as vias de escoamento do ouro, mas sim do próprio acesso as zonas produtoras do ouro, entrando em contradição com os SwahiliÁrabes; Lutas pela sucessão - A classe dominante encontrava-se envolvida em profundas contradições e lutas intra e interdinásticas. Gatsi-Lucere, imperador sentindo-se militarmente impotente para debelar a revolta comandada por Mathuzianye, viu-se obrigado a solicitar o apoio militar português. Como recompensa, o Mwenemutapa reinante prometeu em 1607 a concessão aos portugueses de todas minas do estado;

Falta de um exército permanente - Com a morte de Lucere, em 1627, o imperador Capranzina que representava uma facção oposta aos interesses mercantis portugueses foi deposto e substituído por seu Tio Mavura. Os portugueses baptizaram Mavura pelo nome de Filipe;

A interferência dos estrangeiros, sobretudo dos portugueses nos assuntos internos do estado - O processo do comprometimento do novo imperador culminou com a assinatura no mesmo ano (1629) do tratado, designado por tratado de Mavura que transformou o império num estado

vassalo de Portugal. Por este tratado, a aristocracia de Mwenemutapa ficou obrigada a: permitir a livre circulação de homens e mercadorias isentas de qualquer tributo; a obrigatoriedade de o Mwenemutapa consultar o capitão português antes de tomar qualquer decisão importante; não exigir aos funcionários e mercadores portugueses a observância das regras protocolares quando recebidos por autoridades e altos dignatários da corte (descalçar os sapatos, tirar o chapéu, bater palmas, ajoelhar, etc); não obrigar os mercadores portugueses a pagarem impostos inerentes a sua actividade; aceitar uma força constituída por 50 soldados portugueses na corte; expulsar

13 os mercadores asiáticos do império; permitir a construção de igrejas no território. O primeiro europeu a tomar contacto com a cidade de Grande Zimbabwe, capital de Mwenemutapa, teria sido o navegador e explorador Português Sancho de Tovar;

Invasão dos Ngunis;

Alianças dos sucessores dos Mwenemutapa reinante aos portugueses.

#### 1.8. Cronologia do império de Mwenemutapa

1450-1550: Mutota funda o Estado de Mwenemutapa entre os rios Mazoe e Luia;

1590: Ascensão de Mutapa Gatsi Rusere, que se aliou aos portugueses;

1631: Kapararidze chefia uma rebelião contra o Mutapa Mavura, aliado dos portugueses;

1693: Changamire Dombo controla o poder dos Mwenemutapas e expulsa os portugueses das terras do império. (NHAPULO, 2011: 12).

14

#### Conclusão

Depois de feitas as abordagens em relação ao trabalho chega-se as seguintes conclusões:

As origens da dinastia governante no seio dos Mwenemutapas, remontam à primeira metade do século XV. De acordo com a tradição oral, o primeiro "mwene" foi príncipe guerreiro de um reino Shona ao sul, chamado Nyatsimba Mutota, enviado para encontrar novas fontes de sal, ao norte. O Príncipe Mutota encontrou o sal entre os Tavara, uma subdivisão dos Shonas, que eram notórios caçadores de elefantes.

Por meio dos comerciantes árabes e dos primeiros exploradores lusitanos, também souberam que havia um grande reino a noroeste do rio Zambéze, governado por um chefe muito poderoso, a quem chamavam de Mwenemutapa ou mwene mutapwa. O ouro que viam chegar aos portos de Sofala, Angoche e Quelimane vinha desse reino, e não mais da região dos zimbabuéus. Mas a grandeza do que ficou conhecido nos textos portugueses antigos como o reino do Mwenemutapa é fruto da vontade que tinham de encontrar ali um estado poderoso ao qual se aliar, ou mesmo dominar.

Nas descrições portuguesas, tentou-se por algum tempo fazer crer que essas aldeias constituíam um império poderoso, montado em jazidas de ouro, que afinal eram bem menos ricas do que o sonhado. Tudo indica que o que realmente existiu foram chefias unidas por laços de parentesco, casamento

ou identidade religiosa, subordinadas à autoridade ritual de um chefe, o  
15

**mwene mutapwa**, e frequentemente entrando em conflito com chefias vizinhas. Alianças eram feitas e desfeitas. Confederações cresciam e desapareciam. E a presença de comerciantes árabes e portugueses no interior do continente querendo controlar o comércio de ouro e marfim aumentou os conflitos e as tensões existentes entre os diferentes grupos. A queda deste império deveu-se a falta de união dos mutapas reinantes, a infiltração dos portugueses na política do estado assim como a invasão do povo Ngunis.

#### **Bibliografia**

**DEPARTAMENTO IDEOLÓGICO DA FRELIMO. História de África. Maputo, SLE, 1978.**

**DEPARTAMENTO DE HISTORIA, UEM. História de Moçambique: primeiras sociedades sedentárias e impacto dos mercadores (200/300-1886). Vol. I, Maputo, 1982.**

\_\_\_\_\_. **História de Moçambique. Vol. I, Maputo, Livraria Universitária, 2000.**

**NHAPULO, Telésfero. Atlas histórico de Moçambique. Maputo, Plural editores, 2011.**

**SENGULANE, Hipólito. História das instituições do poder político em Moçambique. Maputo, Diname, 2013.**

**SOUZA, Marina de Mello. África e Brasil Africano. São Paulo: Ática, 2007.**

16

#### **Glossário**

**Fumos ou Encosses - chefes provinciais;**

**Ínfices - guarda pessoal do soberano;**

**Mambo - chefe supremo;**

**Mavura - nome de Gatsi Lucere batizado pelos portugueses depois da traição que cometera ao seu império;**

**Mazarira, Inhahanca e Nambuiza - 3 principais esposas do soberano com importantes funções na administração;**

**Médiuns (Swikiros) - estavam estreitamente associados ao poder político e especialmente às sucessões;**

**Mukuru ou Mwenemusha - chefes das comunidades aldeãs ou das Mushas;**

**Mulungu/Mwari – que serviam para designar Deus: utilizado nas terras marítimas, ao longo do vale do Zambeze e a nordeste do planalto zimbabweano e a sul do planalto respetivamente;**

**Mushas - Integravam no geral uma família no sentido lato ou um grupo de famílias com o mesmo antepassado.**

**Mutumés – mensageiros do rei;**

**Mwene – rei;**

17

**Nevinga – mutapa substituto em caso de mortes do soberano legítimo;**

**Zumdi – forma de exploração a classe dominada que consistia em trabalhar 7 dias nas machambas do rei.**

**=O futuro esta dentro de mim mesmo=  
Nerinho Calisto Martinho Auate**